



IX ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.

Realização:



Apoio:





Onde a teoria encontra a prática: vestígios para uma agroecologia em ambientes urbanos

Marco Aurélio Fernandes Neves¹

Karla Emmanuela Ribeiro Hora²

Resumo: Há um quadro iminente de colapso ambiental que assola o mundo na atualidade. Ao mesmo tempo, a humanidade se encontra aprisionada sob uma racionalidade dominante que pouco nos ajuda na alteração dos caminhos que levam à uma sociedade mais sustentável. A Agroecologia é um dos meios essenciais que ajudam a questionar essa racionalidade e nos oferecem caminhos alternativos de desenvolvimento, principalmente na vital área agroalimentar. Encontrar vestígios de consideráveis contingentes populacionais que realizam práticas que dialogam com o campo agroecológico é o intuito dessa comunicação. É possível apontar indícios de que as populações urbanas de baixa renda, e com idades superiores aos 50 anos, pelas características peculiares as quais estão submetidas, possuem arcabouço de memória biocultural passíveis de serem colocados em diálogo com o campo agroecológico. É importante ressaltar que este trabalho compõem as pesquisas decorrentes da confecção de tese de doutoramento em construção, em Ciências Ambientais, no qual o objetivo principal perpassa captar a aptidão sustentável de ações cotidianas de populações urbanas de baixa renda.

Palavras-chave: agroecologia; populações urbanas; baixa renda; memória biocultural.

A ação é sempre filha do rigor antes de ser a irmã do sonho (Georges Canguilhem)

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UFG.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UFG.



O momento histórico pelo qual atravessamos é especialmente original³. Encontramo-nos numa encruzilhada civilizacional de proporções mundializadas: há um flagrante descompasso entre aquilo que tomamos conhecimento e os meios pelos quais decidimos viver. Em outras palavras, nunca fomos tão conscientes acerca do (auto)lesivo comportamento humano perante o Planeta e, mesmo assim, enormes dificuldades em remodelá-lo persistem. Existe vertiginosa produção de conhecimentos e circulação de informações, em contrapartida, um moroso processo de mudança socioambiental profícua.

Uma rápida busca na internet, em três diferentes plataformas sobre a temática ambiental, nos ajuda a entender melhor essa situação paradoxal. No primeiro site pesquisado, a base de dados Scopus⁴, as produções científicas em 2004 relacionadas à temática “climate change”, eram de aproximadamente 4 mil documentos. No ano de 2019, esse número aumentou para mais de 27 mil⁵. Crescimento de aproximadamente 600% no total de artigos científicos. O segundo site, denominado Google Trends⁶, que quantifica as buscas feitas nesse navegador, também revelou aumento na procura pelo assunto da mudança climática, desde o início dessa medição. Em janeiro de 2004, as buscas pelo termo eram de 19%. No ano de 2019 foi atingido o ápice das procuras, ao alcançar o patamar de 100% em setembro desse ano⁷ (essa plataforma não oferece números absolutos das buscas, mas somente as porcentagens relativas ao maior número de buscas, comparando-a entre todos os meses do período pesquisado). O terceiro site pesquisado evidencia a contradição que desejamos ressaltar. No site do Global Footprint Network⁸, as informações sobre Pegada Ecológica expõem a crescente insustentabilidade do modo predominante de vida humano na atualidade. Quando

³ Há inclusive a defesa por boa parte de cientistas, que a era geológica que vivemos deveria ser denominada de Antropoceno, pela capacidade do impacto humano nos mais variados sistemas terrestres.

⁴ Plataforma de bancos de dados científicos na internet. Agrupa em seu acervo resumos, citações da literatura, revistas científicas, livros, processos de congressos e publicações do setor.

⁵ [https://www-scopus.ez49.periodicos.capes.gov.br/term/analyzer.uri?sid=8f5b236746f394d5131985786f9f6fe4&origin=resultslist&src=s&s=TITLE-ABS-KEY%28"climate+change"%29&sort=plf-f&sdt=b&sot=b&sl=31&count=272997&analyzeResults=Analyze+results&txGid=af075c6cb78354b21cc5468badf3ac0d](https://www-scopus.ez49.periodicos.capes.gov.br/term/analyzer.uri?sid=8f5b236746f394d5131985786f9f6fe4&origin=resultslist&src=s&s=TITLE-ABS-KEY%28)

⁶ Ferramenta de compilação de dados quantitativos referentes às buscas mais populares feitas no Google.

⁷ <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&q=climate%20change>

⁸ Plataforma que disponibiliza dados mundiais sobre o indicador denominado Pegada Ecológica.



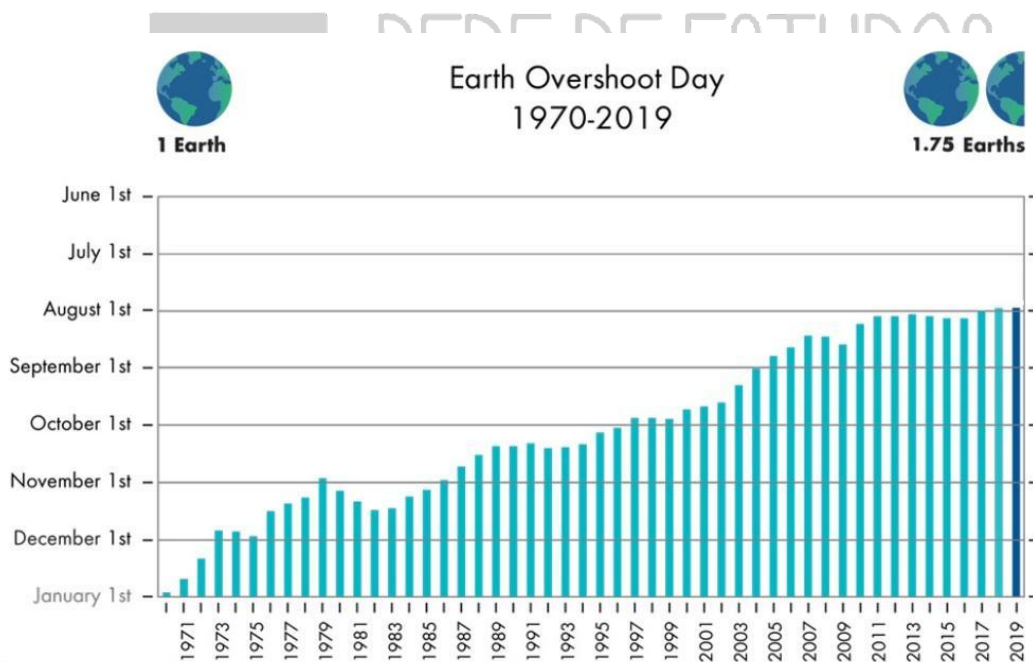
IX ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.



verifica-se, por exemplo, a Figura 01 - O Dia de Sobrecarga da Terra - que “(...) marca a data a partir da qual o consumo de recursos naturais ultrapassa a capacidade de regeneração dos ecossistemas para esse ano”, ele nos indica que por volta da década de 1970 ainda conseguíamos fechar o ano sem “déficit”. Todos recursos necessários para a produção de bens gerada pela humanidade naquela época, afetava de forma menos agressiva o sistema planetário de regeneração ecossistêmica. No ano de 2004, o panorama já fora bastante diferente: a entrada no “vermelho” se deu no mês de setembro. Em 2019, já estávamos nesse patamar desde o final do mês de julho. Ou seja, ao manter esse ritmo seria preciso quase dois planetas (1,75) para atendimento das demandas mundiais humanas de recursos naturais e consequentemente sua regeneração ecossistêmica.

Figura 01 – Dia de Sobrecarga da Terra



Fonte: Global Footprint Network



Os dados apresentados expõem a monumental distância entre a produção de conhecimento/circulação de informação e a tomada de ações no cotidiano. O vigoroso aumento das publicações científicas, bem como o incremento no acesso a informação, relativas a principal consequência da sobrecarga humana nos ecossistemas terrestres, a mudança climática, aparentam pouco impactar às modificações das ações no mundo.

Uma das causas dessa débil ação humana, mesmo frente a crescente consciência de iminente colapso, relaciona-se ao profundo arraigamento das mais diversas populações ao modo de vida moderno ocidental. A esse modo de vida subjaz uma racionalidade⁹, que justifica-o e dá sentido interno, levando-o a um comportamento cíclico deletério. Ainda assim, mesmo que este tipo de racionalidade resulte em elevados graus de homogeneização de práticas de produção da vida em todo o mundo, também é correto afirmar que persistem singularidades locais de acoplamento estrutural de diversas populações¹⁰. Portanto o quadro sintético que ora se apresenta - **a iminência do colapso, a debilidade da mudança do modo de vida em consequência ao arraigamento à racionalidade ocidental, e as persistentes singularidades populacionais** - implicam em ações inadiáveis que encontrem caminhos que potencializem a reprodução daquilo que já se encontra em funcionamento em alguns lugares.

Desse modo, a questão que nos instiga nesta comunicação é saber quais características de determinadas populações, que se distanciam da racionalidade ocidental, e podem significar “pontas soltas” que possuem a capacidade de se emaranharem às “pontas soltas” teórico-metodológicas da ciência? Ou seja, o trabalho aqui é encontrar indícios de práticas exercidas por determinadas populações, que não são rigidamente as ações de mudança preconizadas pelos estudos teóricos, mas que pelo volume e forma como se desenvolvem, possuem potencial de convergência com os mesmos. Em outras palavras, é necessário encontrar práticas que já existam e que dialoguem com o campo teórico que propõe a mudança.

⁹ “Ela é uma razão preguiçosa, que se considera única, exclusiva, e que não se exercita o suficiente para poder ver a riqueza inesgotável do mundo. Penso que o mundo tem uma diversidade epistemológica inesgotável, e nossas categorias são muito reducionistas”. (SANTOS, 2007, p. 25)

¹⁰ “(...) a experiência social em todo mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante.” (SANTOS, 2002, p. 238).



Neste intuito, este trabalho deseja traçar um panorama em linhas iniciais e gerais, de características existentes em populações humanas no presente e como elas se convergem em vestígios de ações alternativas àquelas que conduzem a insustentabilidade do sistema planetário. Nesse sentido, construiremos um quadro de características que estão presentes em determinadas populações humanas da atualidade e como elas potencialmente dialogam com um campo teórico-prático específico da sustentabilidade – em nosso caso, a agroecologia. Assim, procura-se contribuir no auxílio aos atores que desejem colocar em prática ações agroecológicas, no sentido de oferecer subsídios que os ajudem a identificar populações onde essas ações encontrarão campo fértil para multiplicarem-se.

Nesse percurso, procederemos aos seguintes passos: 1 - levantamento das mais frequentes compreensões acerca da agroecologia; 2 – seleção de características comuns que compõem essas compreensões; 3 – fundamento inicial para a escolha da população (localização geográfica (urbano x rural)); 4 – fundamentos secundários para a escolha da população (renda; origem, composição geracional).

Campo de conhecimento da Agroecologia

Compreender a Agroecologia na atualidade requer percebê-la, precipuamente, como constituinte das formas reativas à crise ambiental de nosso tempo. Ou seja, esse campo do conhecimento compõe o bojo das alternativas de desenvolvimento da vida humana, que surgiram ou ganharam vigor nas esteira das discussões sobre sustentabilidade, desenvolvidas sobretudo nos últimos 40 anos.

Em sentido estrito, a Agroecologia é uma área de pesquisa que tenciona desenvolver designs agrícolas sustentáveis. Assim, no âmago da agroecologia é fundamental a ideia que os sistemas agrícolas, para serem sustentáveis, devem mimetizar os níveis de biodiversidade e o funcionamento dos ecossistemas. (PIMBERT, 2018)

Ainda que as práticas agrícolas ecológicas sejam tão antigas quanto à própria agricultura, a preocupação em sistematizar modelos de produção agrícola sustentáveis tem sua



gênese nos bancos acadêmicos do século XX. A ocupação científica agroecológica centra-se, especialmente, na “transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais, para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis” (CAPORAL E COSTABEBER, 2002, p.4).

Em nossa busca pelas compreensões mais comuns acerca da agroecologia, a primeira que se apresenta, a que chamamos aqui de nuclear, é a que citamos acima, e que genericamente denomina-se científica. Na busca pelo seu principal objetivo, agriculturas ecologicamente miméticas para fins sustentáveis, associam-se diversos padrões de conhecimento, tanto aqueles forjados na academia, como aqueles consolidados nas mais diversas práticas agrícolas distribuídas pelo mundo.

Portanto, a partir desse exercício de compilação de técnicas agrícolas, a ciência esbarra-se naquilo que classificamos como o segundo entendimento mais comum acerca da agroecologia – prática agrícola sustentável. Pimbert (2018), nos informa que inicialmente, a agroecologia estava fortemente vinculada a ciência ecológica, como base para agriculturas sustentáveis, contudo, a importância do conhecimento dos agricultores foi, aos poucos, sendo reconhecida e incorporada por esse campo de conhecimento. Ou seja, são formas de agricultura, desenvolvidas por dezenas, centenas e as vezes até milhares de anos, forjados na prática cotidiana das populações ruralizadas de todo o mundo e que possuem elevados níveis de sustentabilidade.

Como nos informa Altieri (2004, p. 26):

Muitos cientistas nos países desenvolvidos estão começando a mostrar interesse pela agricultura tradicional em seus mais diferentes aspectos: capacidade de tolerar riscos, eficiência produtiva de misturas simbióticas de cultivos, reciclagem de materiais, utilização dos recursos e germoplasmas locais, habilidade em explorar toda uma gama de microambientes. É possível obter, através do estudo da agricultura tradicional, informações importantes que podem ser utilizadas no desenvolvimento de estratégias agrícolas apropriadas, adequadas às necessidades, preferências e base de recursos de grupos específicos de agricultores e agroecossistemas regionais.



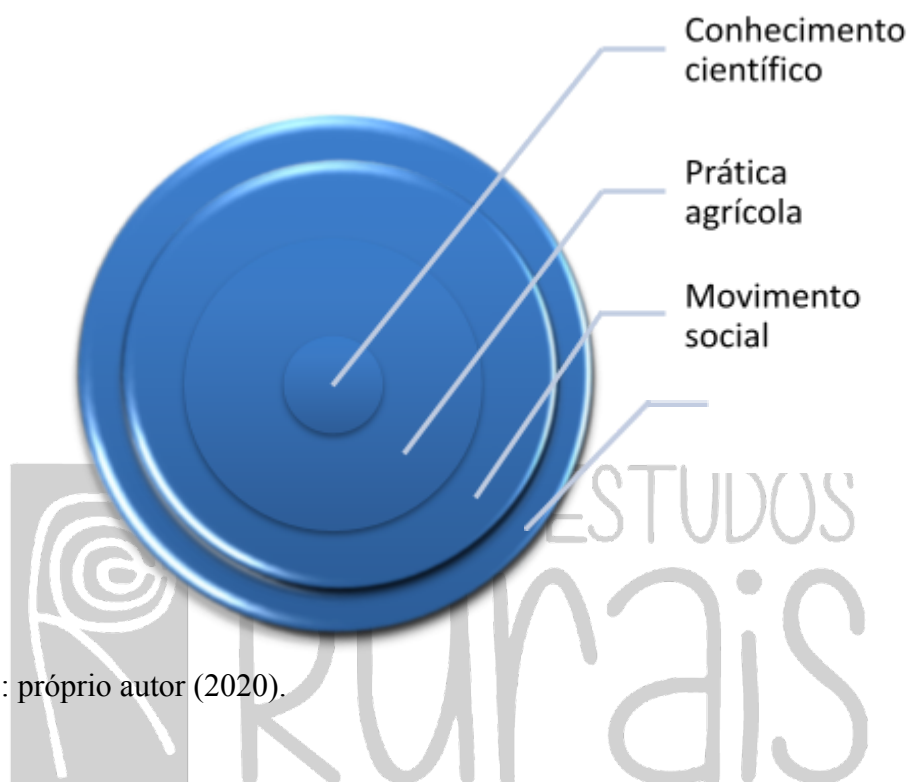
O terceiro entendimento sobre agroecologia relaciona-se ao mergulho mais profundo, desse campo do conhecimento, nos modos de vida das comunidades rurais nas quais a agricultura tradicional é desenvolvida. Ao agregar as técnicas de comunidades rurais de todo mundo, foi cada vez mais imperativo verificar as formas de sociabilidade dessas comunidades, ou seja, como se estruturavam socialmente: o modo cooperativo de manejo da produção e aos fins pelos quais produziam. Assim, a característica marcante da agroecologia como movimento social centra-se, sobretudo no questionamento aos modos de produção do agronegócio e da Revolução Verde dos anos 60 e 70 (BELLAMY; IORIS, 2017), uma vez que enquanto sistema de produção, a Revolução Verde remove de seu horizonte de operação o pequeno produtor e o agricultor familiar.

Grande parte de autores agregam à compreensão de movimento social, os aspectos políticos envolvidos na produção agroecológica (BELLAMY; IORIS, 2017); (GLIESMANN, 2015); (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2017). É compreensível tal metodologia, uma vez que o campo sociopolítico é divisível somente do ponto de vista teórico. Entretanto, afim de manter a lógica de encadeamento e complexificação que dá sentido a construção de nossa análise e também apoiar a configuração didática do texto, em nossa construção do campo de conhecimento agroecológico, preferiu-se oferecer a quarta compreensão de forma separada.

Esse quarto campo de conhecimento pode ser denominado de agroecologia política (LACEY, 2015). Gliessmann (2015) entende que para a análise desse campo é primordial não perder de vista as várias etapas envolvidas no sistema agroalimentar, que se distribuem em toda cadeia produtiva: desde o solo até a mesa do consumidor. Nessa quarta fase, a agroecologia promove um giro de percepção: da preocupação produtiva passa-se também à responsabilidade com o consumo. Temáticas como segurança e soberania alimentar, bem como justiça social, encontram nessa quarta fase oportunidade de discussão no interior do campo agroecológico.

Figura 02 – Campo de conhecimento da Agroecologia

Ecologia política



Fonte: próprio autor (2020).

A fim de tornar mais satisfatória o entendimento da subdivisão acerca do conhecimento agroecológico, desenvolvemos o modelo da Figura 02. A figura como um todo representa o campo de conhecimento agroecológico, que está subdividido em camadas concêntricas, na qual a parte mais nuclear é aquela relacionada ao que, no geral, denomina-se de conhecimento científico da agroecologia. É a compreensão basilar da qual todas as demais se afluíram. Como demonstramos, foi a partir dela que se desdobraram as camadas mais exteriores acerca daquilo que hoje se entende por Agroecologia. Ainda que tenhamos procedido ao exame separado de cada segmento da agroecologia, é impossível fazê-lo no campo da prática, uma vez que cada camada da Figura 02 está intrinsecamente vinculada às demais.



Onde a teoria encontra a prática

Em nosso percurso, desvendar características iniciais e gerais presentes em populações humanas que mais se aproximam dos princípios agroecológicos levantados acima, se torna evidente a importância das populações rurais tradicionais ou mesmo aquelas populações tradicionais com modos de vida ruralizados (indígenas e quilombolas). Esses seriam, seguramente, sujeitos mais adequados para nossas análises, visto que essas populações apresentam no Brasil, modos centenários, e por vezes milenares, de desenvolvimento de práticas agrícolas de aptidão sustentável. Entretanto, como observado no tópico anterior, o interesse por populações tradicionais e suas práticas já integra o campo de atuação pelos especialistas da agroecologia.

Aliado a isso, o propósito desta comunicação entrecruza duas situações específicas: a necessidade emergencial de mudança de comportamento frente ao iminente colapso e a capacidade numérica populacional, ou seja um volume crítico, com indícios de práticas capazes de gerar nichos sustentáveis cada vez maiores.

Pelas condições apontadas, ainda que possa aparentar uma situação paradoxal, as populações com maiores capacidades se concentram, nos dias de hoje, nos centros urbanos.

Centros urbanos, centros agroecológicos?

Há pouco tempo, a população mundial se tornou majoritariamente urbana¹¹. No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), no ano de 2015 a maior parte da população brasileira, 84,72%, vivia em áreas urbanas; apenas 15,28% dos brasileiros residiam em áreas rurais. Em números absolutos, aproximadamente 171 milhões de brasileiros vivem em áreas urbanas atualmente. A supremacia desse contingente populacional fala por si só acerca da importância desse grupo para qualquer ação sobre sustentabilidade.

¹¹ No ano de 2007, pela primeira vez, a população urbana ultrapassou a rural em níveis mundiais, de acordo com o Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos.



Especificamente no setor de produção agroalimentar, essa gigantesca população urbana significa a parcela preponderante que consome os produtos cultivados em áreas rurais.

Desde o momento pelo qual os princípios de uma ecologia política se tornaram importantes na teoria agroecológica, onde as discussões se concentram sobre o sistema agroalimentar, se tornou imperativo a esse campo do conhecimento esclarecer a população urbana acerca dos vários processos envolvidos na produção dos alimentos.

A princípio, poderíamos cogitar a respeito da ação dos atores do campo agroecológico, afim de aprimorar a disseminação das informações dos modos agrônômicos convencionais predominantes na produção de alimentos, onde se utilizam altas dosagens de fertilizantes químicos e aplicações constantes de agrotóxicos, ao advertir a população urbana sobre os malefícios desses produtos à saúde humana. Além disso, instruir sobre como esse manejo da produção de alimentos são deletérios à biodiversidade dos locais onde são cultivados, ao resultarem em contaminação, muitas vezes, até mesmo dos recursos destinados a própria utilização humana (os leitos dos rios por exemplo). A longo prazo, essa agricultura convencional pode comprometer a própria produção agrícola, não raro inclusive, inviabilizá-la.

A conscientização acerca do consumo de alimentos pode ser aplicado a população urbana no geral e provoca uma série de desdobramentos em forma de questões que problematizam toda a cadeia agroalimentar. Contudo, um passo adiante, onde a teoria agroecológica consiga vislumbrar um campo de ação fértil, e que esta comunicação se concentra, encontra-se naquilo que chamamos no tópico sobre os conhecimentos agroecológicos, de prática agrícola.

Os objetivos principais da agroecologia vinculam-se à agricultura e esta vincula-se, em precipuidade, a produção de alimentos. É a partir desse tópico que se descerra uma possibilidade para que a Agroecologia consiga atuar com mais proximidade no ambiente urbano. Levantar algumas características sobre a alimentação nas cidades é fundamental para a compreensão das relações Agroecologia/áreas urbanas. Ainda que seja uma tarefa complexa, pela multiplicidade de fatores envolvidos na rede de produção/consumo de alimentos, há



padrões que se apresentam com certa nitidez nos ambientes urbanos. Dentre esses, é possível destacar a crescente multiplicação das redes de grandes supermercados, com apelos amiúdes aos produtos denominados ultraprocessados e aos fast foods, cujos preços possuem alto valor agregado ao consumidor final.

A migração para as regiões urbanas cria um ambiente propício para lojas maiores e supermercados que foram tomando o lugar dos mercados tradicionais. As grandes redes de supermercados têm contribuído para facilitar o acesso a alimentos pré-cozidos, salgados, açucarados e gordurosos. (MORATOYA et al, 2013, p. 77)

A situação exposta nos ajuda a compreender o crescente apelo consumista relativo à alimentação, o que denota a extrema importância da renda no padrão alimentar das famílias urbanas. Tanto é assim, que o IBGE (2010) apontou que é mais comum observarmos déficits de peso em populações com médias salariais mais baixas, e sobrepeso e obesidade em populações com médias salariais mais altas. Uma renda mais alta facilita o acesso aos bens industrializados.

Com a globalização e a industrialização, surgiram produtos processados, que acabam sendo de difícil acesso às pessoas de baixa renda, em virtude da diferente agregação de valor aos produtos. As comidas de fast foods e os doces acabam sendo destinados à parte da população que detém maior nível de renda. (MORATOYA et al, 2013, p. 77)

Se a renda é um fator importante no padrão alimentar, é possível inferir que o grupo da população de renda mais alta possui todas, ou a maior parte, de suas demandas alimentícias atendidas: tanto aquelas de nível calórico quanto aquelas de apelo consumista, pois os mesmos possuem fácil acesso aos produtos com maior agregação de valor, tanto energético quanto estético. De outro modo, a população de baixa renda possui menor acesso a esses tipos de alimentos. Por vezes, como visto, apresentam até déficits nutricionais. Essa diferença de renda, que provoca uma diferença de consumo, e mais ainda, uma diferença nutricional, nos permite inferir duas situações. As populações com maior renda não apresentam motivação para desenvolverem alternativas para atendimento de suas demandas calóricas, pois, na verdade, é uma demanda já atendida. O grupo de pessoas de baixa renda já não se encontram



IX ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.



no mesmo panorama. Alternativas alimentares seriam bem-vindas pois tais demandas não se encontram plenamente atendidas. Portanto, as populações urbanas de baixa renda se apresentam como comunidades imprescindíveis do ponto de vista da atuação agroecológica.

Outra característica que pode ser encontrada nas populações urbanas de baixa renda, que colaboraria com o desenvolvimento de agroecologia urbana, localiza-se no combinação entre origem e componente geracional, de boa parte dessas pessoas. Segundo o IBGE (2011), até a década de 1980 do século passado, no Brasil, as principais migrações inter-regionais ocorriam entre campo-cidade. Aquelas pessoas que na época da migração possuíam entre 20 e 40 anos de idade, atualmente se encontram na casa dos 50 aos 70 anos. É uma população majoritariamente idosa na atualidade, mas que ao longo de muitos anos, teve a vida rural como sua principal ocupação. Há um quantitativo importante da população urbana de baixa renda que possui uma reserva de recordações do ambiente rural, aquilo que poderíamos denominar de memória biocultural. Em síntese, a memória biocultural é o cabedal de conhecimentos forjados ao longo de gerações, que o ser humano lançou mão afim de sobreviver sob as mais diversas condições ambientais.

A memória da espécie humana é, pelo menos, tripla: genética, linguística e cognitiva, e se expressa na variedade de genes, línguas e saberes. As memórias genética e linguística guardam o registro da expansão dos seres humanos pelos diferentes habitats do planeta, um processo de colonização de territórios que levou várias dezenas de milhares de anos. A memória cognitiva, a menos explorada, revela as maneiras como as sociedades humanas foram se adaptando a cada uma das condições desses habitats. Essa memória é biocultural e vem sendo mantida pelos 7.000 povos tradicionais, indígenas ou originários que hoje existem, subsistem e persistem. (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 18)

As variadas etnias espalhadas pelo mundo, e em especial pelo Brasil, são os povos que possuem maior representatividade sobre essa memória cognitiva das relações humanidade/ambiente desenvolvida por milênios. Contudo, pela própria constituição heterogênea da população brasileira, da biodiversidade à diversidade cultural, essa memória é especialmente presente nas populações camponesas de todo o Brasil, sobretudo naquelas populações de pequenos produtores. São nessas populações que se amalgamaram a gama de



IX ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.



conhecimentos agroecossistêmicos da maior parte das populações tradicionais no Brasil. No prefácio do livro “A Memória Biocultural – a importância ecológica das sabedorias tradicionais”, o prof. Paulo Petersen, ressalta a importância das comunidades rurais para a constituição da memória biocultural:

A agricultura camponesa é a principal força social que molda dialeticamente essas construções bioculturais. Sempre que operando com margens de liberdade suficientes para reproduzir seus modos de produção e de vida, o campesinato estabelece metabolismos socioecológicos de elevada sustentabilidade e resiliência, uma vez que seus arranjos técnico-institucionais se baseiam em um conjunto de princípios comuns ao funcionamento da natureza: a diversidade; a natureza cíclica dos processos; a flexibilidade adaptativa; a interdependência; e os vínculos associativos e de cooperação. (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 15)

Como visto, a agroecologia apresenta interesse por esses povos tradicionais e suas práticas agrícolas, visto que estas constituem uma variada gama de associações produtivas sustentáveis com o meio ambiente. No entanto, no momento que essas populações tiveram contínua migração para as cidades, elas saíram do campo central de atuação agroecológico, ainda que carreguem consigo um potente acervo de conhecimentos da memória biocultural, forjados nas fases mais jovens de suas vidas. São nessas populações que encontramos vestígios de práticas que dialogam com a agroecologia. É comum visualizar em variadas casas e quintais em áreas periurbanas, principalmente das gerações mais idosas, o cultivo de plantas para fins alimentícios e de tratamento da saúde. A figura 03 ajuda a revelar essa situação.

Figura 03 – Lote residencial em área periurbana de Goiânia-GO



Fonte: próprio autor (2019).

Esta imagem foi captada na região norte de Goiânia-GO, em um setor onde a maior parte da população é de baixa renda. Nesse pequeno cultivo é possível distinguir, no mínimo, quatro espécies de plantas alimentícias: uma espécie de leguminosa na calçada; pés de mamão, de milho e de mandioca no interior do lote. É possível visar o emprego de conhecimentos agrícolas nos cultivos devido a distribuição das espécies no lote e como as possíveis interações entre elas não as prejudicariam ou até mesmo trariam benefícios. Esse pequeno cultivo é representativo quando cogita-se as possibilidades na constituição de um diálogo mais amigável entre agroecologia e ambientes urbanos.



Considerações finais

Em nosso texto almejou-se demonstrar como existem vestígios nas populações residentes em áreas urbanas para propagação das ideias agroecológicas. É sabido que a agricultura urbana tem ganhado espaço ao longo do tempo contudo, é premente nas ações agroecológicas ocupar-se sobretudo na eficácia das ações, devido mesmo a iminência do colapso e mais ainda, a dissolução galopante do arcabouço de possibilidades que germina da memória biocultural das populações com mais idades.

A almejada transição agroecológica se consolidará somente quando mentes e corações das populações urbanas forem conquistados. O grande desafio da agroecologia se concentra nos ambientes urbanos: tanto do ponto de vista da conscientização acerca dos malefícios da produção e do consumo de produtos advindos dos sistemas agroindustriais, quanto da conscientização sobre o papel das populações urbanas de baixa renda e de origem rural, nas possibilidades de uma agroecologia urbana.

Referências

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4.ed. – Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004.

BELLAMY, Angelina Sanderson; IORIS, Antonio. Addressing the Knowledge Gaps in Agroecology and Identifying Guiding Principles for Transforming Conventional Agri-Food Systems. Sustainability, [s.l.], v. 9, n. 3, p. 330-347, 23 fev. 2017. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/su9030330>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/9/3/330>. Acesso em: 01 fev. 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística. Pesquisa nacional por amostra de domicílios : síntese de indicadores. Rio de Janeiro: Ibge, 2016. 108 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. (ed.). Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Rio de Janeiro: Ibge, 2011. 103 p. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9159-reflexoes-sobre-os-deslocamentos-populacionais-no-brasil.html?=&t=sobre>. Acesso em: 12 fev. 2020.



BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: despesas, rendimentos e condições de vida. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009/POFpublicacao.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

CAPORAL, F. R; COSTABEBER, J. A. Agroecologia enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável (Texto provisório para debate). Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, Junho de 2002. Disponível em: <<http://www.agroecologia.uema.br/publicacoes/AgroecolTexto.pdf>>. Acesso: 17 de fev. 2020.

GLIESSMAN, S. R. Agroecology: a global movement for food security and sovereignty, pg 1-13. In: Agroecology for Food Security and Nutrition Proceedings of the FAO International Symposium, 18-19 de setembro 2014, Roma, Italia. FAO, 2015.

GLOBAL FOOTPRINT NETWORK. O Dia da Sobrecarga da Terra em 2019 assinala-se a 29 de julho, a data mais recuada desde que o déficit ecológico começou no início da década de 1970. 2019. Disponível em: <https://www.overshootday.org/newsroom/press-release-june-2019-portuguese/>. Acesso em: 11 dez. 2019.

LACEY, Hugh. Agroecologia como ciência e diálogos interepistêmicos, In: WORKSHOP PERSPECTIVAS DO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM AGROECOLOGIA NO BRASIL, 2019, Brasília. Vídeo... ABA Agroecologia, 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/Ixy6Ihd1RI8>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

ONU (ed.). Pela primeira vez, população urbana supera a rural no mundo. 2007. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2007/04/1267511-pela-primeira-vez-populacao-urbana-supera-rural-no-mundo>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PIMBERT, Miche P. Global Status of Agroecology A Perspective on Current Practices, Potential and Challenges. Economic & Political Weekly, Mumbai, v. , n. 41, p. 52-57, 13 out. 2018. Disponível em:



IX ENCONTRO DA
REDE DE ESTUDOS
RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.



<https://www.epw.in/journal/2018/41/review-environment-and-development/global-status-agroecology.html>. Acesso em: 01 fev. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Revista Crítica de Ciências Sociais, [s.l.], n. 63, p. 237-280, 1 out. 2002. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.1285>.

TOLEDO, Víctor; BARRERA-BASSOLS, Narciso. Political Agroecology in Mexico: a path toward sustainability. : A Path toward Sustainability. Sustainability, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 268-281, 14 fev. 2017. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/su9020268>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/313778970_Political_Agroecology_in_Mexico_A_Path_toward_Sustainability. Acesso em: 02 fev. 2020.

TOLEDO, Victor M; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 272 p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338095301_A_MEMORIA_BIOCULTURAL. Acesso em: 20 fev. 2019.